



ADIAMENTO DOS MARCOS DO CICLO VITAL NA JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA: UM OLHAR PSICOSSOCIAL

*Anna Clara Kutacho Rauch*¹, *Isabel Dechandt Von Henneberg*², *Guilherme Rodrigues Barbur*³, *Pedro Henrique Galeto*⁴

¹Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Ponta Grossa-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. annarauch31.doc@gmail.com

²Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Ponta Grossa-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. isabelhenneberg589@gmail.com

³Acadêmico do Curso de Psicologia, Campus Ponta Grossa-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. grbolai@gmail.com

⁴Orientador, Mestre, Docente no Curso de Psicologia, Ponta Grossa-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. pedro.galeto@unicesumar.edu.br

RESUMO

Este artigo investiga o adiamento dos marcos do ciclo vital entre adultos jovens na contemporaneidade, com foco nos impactos psicossociais associados. A transição para a vida adulta, antes marcada por eventos como casamento, parentalidade e independência financeira, tem se tornado mais tardia e fluida. Com base na teoria psicossocial de Erik Erikson e em autores como Jeffrey Arnett, o estudo propõe uma análise crítica das transformações nos percursos juvenis, destacando aspectos culturais, econômicos e subjetivos. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica de natureza qualitativa, com fontes extraídas de bases como SciELO, PubMed e Google Acadêmico. Conclui-se que o adiamento desses marcos reflete uma reconfiguração das identidades e dos projetos de vida juvenis frente às novas exigências sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento; Identidade; Jovem adulto; Parentalidade.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, tem-se observado uma significativa transformação nos modos como os indivíduos experienciam a transição para a vida adulta. Tradicionalmente marcada por eventos como a saída da casa dos pais, a conquista da independência financeira, o casamento, a chegada dos filhos e a aquisição da casa própria, essa transição, na contemporaneidade, tem se tornado cada vez mais fluida e prolongada.

Na psicologia do desenvolvimento, o jovem adulto é geralmente situado na faixa etária entre 18 e 29 anos, período em que ocorrem importantes transições psicossociais, como a busca por autonomia, intimidade e definição de identidade (Erikson, 1972; Arnett, 2000). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, essa também é a classificação etária adotada para a juventude (IBGE, 2021).

Alcançar estabilidade no trabalho e nas finanças é visto como um passo importante para a vida adulta. No entanto, hoje em dia, é possível notar que os filhos permanecem economicamente dependentes dos pais por mais tempo. Esse cenário pode estar relacionado ao aumento do desemprego e ao tempo maior dedicado à formação educacional (Camararo; et al., 2003).

Sobre a perspectiva da modernidade líquida postulada por Bauman (2001), é possível perceber a própria fluidez das relações de parentesco, dando sinais de instabilidade das relações interpessoais na contemporaneidade. Sendo assim, a família, que historicamente operava como um trampolim de concreto rumo à vida adulta – com rituais, valores e expectativas bem definidos – acaba gerando um espaço de borrão familiar, no qual os papéis e as fronteiras se tornam indefinidos.

Os ritos de passagem, conforme discutidos por Van Gennep (1978) são uma ferramenta crucial para a coesão social, uma vez que fornece o simbolismo da transição de status e fortalece a identidade coletiva. No entanto, na sociedade contemporânea, os ritos de passagem são desconsiderados ou significativamente modificados. O casamento já não



é uma passagem obrigatória como uma forma substancial da validação social da vida adulta, seja por meio da vida independente.

Diante disso o objetivo dessa pesquisa é investigar o adiamento dos marcos do ciclo vital entre adultos jovens articulando-o com a teoria dos ritos de passagem e com autores contemporâneos que dialogam com essas abordagens.

Pretende-se compreender de que forma a construção da identidade e o enfrentamento da intimidade têm sido reconfigurados nesse novo cenário, considerando tanto as dimensões subjetivas quanto as condições socioculturais que atravessam esse momento do desenvolvimento.

Para entender os desafios enfrentados por adultos jovens nessa etapa da vida, recorre-se neste estudo à teoria do desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson (1973), autor amplamente reconhecido na psicologia do desenvolvimento por propor uma visão ampla entre o crescimento individual e os contextos socioculturais abrangendo todas as fases do ciclo vital.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Perante o exposto, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza qualitativa através de um referencial teórico que abrange as principais abordagens sobre o tema do adiamento dos marcos do ciclo vital na fase da juventude, com ênfase nos aspectos psicossociais envolvidos na transição para a vida adulta, nos conceitos de ritos de passagem e nas transformações socioculturais que influenciam os projetos de vida dos jovens contemporâneos, permitindo compreender como os adultos jovens atuais constroem suas identidades e projetos de vida em um contexto de flexibilização dos papéis sociais, instabilidade econômica e prolongamento da dependência familiar, adotando como eixo central a análise do adiamento de marcos como o casamento, a responsabilidade parental e a conquista da casa própria.

A revisão bibliográfica foi feita nas bases de dados Google acadêmico, SciELO e PubMed, utilizou-se os descritores “parentalidade”, “ciclo vital”, “juventude” com o operador booleano “AND” nos campos de pesquisa “Título, resumo e palavras-chaves”. Os documentos selecionados para essa revisão foram livros disponíveis on-line e também em versões impressas, trabalhos científicos, sites de órgãos oficiais. As informações obtidas foram usadas para embasar teoricamente a pesquisa, contextualizar o fenômeno estudado e sustentar as análises sobre o adiamento dos marcos do ciclo vital na juventude baseando-se na teoria psicossocial do desenvolvimento humano.

Este artigo está organizado em quatro seções principais: a primeira aborda a influência da família na formação dos vínculos sociais, a segunda analisa o papel das trajetórias acadêmicas e profissionais; a terceira discute acerca das relações estáveis e parentalidade e a última examina os impactos emocionais relacionados a essa transição prolongada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA DE ORIGEM NA CONSTRUÇÃO DOS VÍNCULOS AFETIVOS E SOCIAIS

A família de origem assume um papel importantíssimo sendo um modelo para os jovens, pois além de ser o primeiro grupo social com o qual se tem contato, é também o principal espaço para a formação de seus valores morais, comportamentos e autoidentidade, mediante a isso Teixeira et al. (2022) ressalta:



Pode-se dizer que o relacionamento com os pais (ou cuidador) é o primeiro que a criança estabelece na sua vida, e geralmente esse relacionamento se perpetua até a idade adulta. As figuras parentais são constituidoras da maior base social de uma criança, e essas ligações muito contribuirão para as competências sociais adquiridas futuramente, na fase de jovem adulto (Teixeira *et al.*, 2022, p. 82).

Diante do exposto é possível afirmar que a construção da autonomia emocional e financeira deve ser incentivada desde cedo, em um ambiente familiar que combine o apoio com estímulo à independência. Dessa forma, é possível transformar esse período de convivência em uma etapa de crescimento, preparando os jovens para viver de maneira plena, responsável e autônoma. Citando as ideias do psicólogo analítico Carl Gustav Jung (2011) em seu livro “O desenvolvimento da Personalidade”, os pais moldam a personalidade e aprendizagem dos filhos:

Mas a psique individual costuma atingir uma relativa independência apenas após a puberdade, enquanto que até aí continua sendo em grau elevado juguete dos impulsos e das condições ambientais. Falando-se, pois, de uma criança antes da puberdade, poder-se-ia afirmar que, do ponto de vista psíquico, ela propriamente ainda nem existe. Certamente, quando a criança de seis anos entra na escola, ainda é, em todo o sentido, apenas um produto dos pais; é dotada, sem dúvida, de uma consciência do "eu" em estado embrionário, mas de maneira alguma é capaz de afirmar sua personalidade, seja como for. [...] (Jung, 2011, p. 48).

No entanto, quando a educação familiar adota um modelo superprotetor, inibindo a exposição ao erro e a assunção de responsabilidades, há o risco de comprometer o desenvolvimento da autoconfiança e, por consequência, dificultar o estabelecimento de vínculos afetivos estáveis.

Conforme Georgia Martin (p. 33, 2022) observou: “Analisando o ambiente social familiar, as suas interações e a forma como realizaram-se as primeiras aprendizagens da criança, pode ser possível inferir sobre como o conhecimento circula na família”.

De acordo com a teoria psicossocial do psicanalista Erik Erikson (1998) em seu livro “O ciclo da vida completo”, a fase da juventude é marcada pelo desafio da “intimidade versus isolamento”. Assim, para que os jovens consigam estabelecer relações afetivas maduras e significativas, é necessária a consolidação de sua identidade e certa independência emocional.

Quando isso não ocorre, existe o risco de isolamento social, dificuldades nos relacionamentos e até medo de se afastar do núcleo familiar. Portanto, a dependência familiar pode dificultar a construção de laços duradouros, interferindo diretamente na capacidade do jovem de construir sua própria rede de apoio e seu lugar no mundo (Erikson, 1998).

A maneira como a família se porta em casa influencia também a autoestima e a autoconfiança do indivíduo, determinando sua habilidade de se conectar e se expressar emocionalmente no meio social. Portanto, a família de origem, além de um ambiente de crescimento, aprendizagem e amadurecimento, é crucial para a construção das habilidades sociais e emocionais da vida adulta do indivíduo.

Desta forma, destaca-se que a influência da família de origem é um dos fundamentos para o bom desenvolvimento de vínculos afetivos e sociais dos filhos ao longo da vida, pois é na família que os primeiros laços emocionais são estabelecidos, modelos de comportamentos lhes são apresentados, assim como os estímulos à independência e a responsabilidade.



3.2. O IMPACTO DAS TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS E PROFISSIONAIS NO REDIRECIONAMENTO DAS DECISÕES DO CICLO VITAL

Um passo importante para a transição do jovem para a idade adulta é a introdução deste no mercado de trabalho. A obtenção de um emprego representa para o jovem sua entrada na sociedade de uma forma efetiva, adquirindo com isso independência financeira, possibilidade de criar uma família e, acima de tudo, sua posição dentro da divisão social do trabalho, possibilitando assim um melhor desenvolvimento de sua individualidade humana (Wambier, 2001).

Porém este processo de transição depende de aspectos mais amplos que a individualidade e a vontade de cada jovem. A instabilidade do mercado de trabalho, a exigência por formações mais extensas e crises econômicas são alguns aspectos que dificultam a entrada das pessoas no mercado de trabalho, assim também prolongando a estadia desses jovens na casa dos pais (Camarano et al., 2003).

Ainda segundo Camarano et al. (2003), este adiamento da entrada no mercado de trabalho também causa outros desafios decorrentes da perda de papéis sociais, como a falta de autonomia em realizar atividades cotidianas. Aprofundando-se mais acerca das particularidades deste período, Camarano et al. (2003), diz que:

O período de inserção é, provavelmente, um período instável e incerto e é um passo importante para a transição da juventude para a idade adulta. Pode representar, ao mesmo tempo, uma fonte de esperanças no futuro, pela possibilidade de mobilidade social e/ou de frustrações, pois pode significar também rotinas, precariedade e exclusão social (Camarano et al. 2003, p. 53)

Acerca das múltiplas transformações no mundo do trabalho que incidem sobre a inserção dos jovens neste âmbito, Silva, Galeto e Batista (2020) demonstram que as novas exigências impostas pelo mercado e condições do neoliberalismo, marcadas pela flexibilização das relações de trabalho, pela valorização de competências mais individualizadas e pela constante reestruturação produtiva, têm contribuído significativamente para o agravamento da condição dos jovens. Principalmente no que tange à instabilidade dos vínculos laborais, à precarização do trabalho e também ao desemprego, desta forma aprofundando a situação de vulnerabilidade e insegurança desse grupo.

A questão da entrada no mercado de trabalho também perpassa a questão do ensino superior. Sobre este assunto, Melo e Borges (2007 apud Sarriera e Verdin, 1996) sustentam que:

[...] o período de transição escola trabalho crítico para o desenvolvimento da juventude, porque certas implicações – como a perda da condição de aluno e do apoio da escola, a perda da influência da família, pela necessidade de o indivíduo construir uma identidade própria, a falta do status de trabalhador e do apoio da empresa – podem produzir sentimentos de impotência, de insegurança, de apatia e de desorganização, e, por conseguinte, de adoecimento, de comportamentos antissociais ou de fuga da realidade, caso o jovem não esteja preparado e apoiado para a aquisição do status de cidadão ativo e produtivo (Melo e Borges, 2007 apud Sarriera e Verdin, 1996, p. 382).

Contudo, esta população é diminuta e não representa a totalidade da população jovem brasileira. Os indivíduos que alcançam o ensino superior vêm de famílias com melhores condições socioeconômicas, são mais frequentemente brancos e seus pais possuem um nível de escolaridade elevado (Melo e Borges, 2007).



Tendo em vista este grande contingente da população jovem que não possui escolaridade, (Silva 2016 apud IBGE, 2013) ressaltou em sua pesquisa que, entre jovens na faixa de 15 a 17 anos de idade que não estudavam e nem trabalhavam, 56,7% deles não possuíam o ensino fundamental completo, etapa que já deveria ter sido superada, dado que nesta idade se espera que estes jovens estejam cursando o ensino médio.

Nesta mesma pesquisa, ressaltou-se que a informalidade é um aspecto marcante no que diz respeito às condições de trabalho. Ainda que esta informalidade afete a população inteira, é entre os jovens de 16 a 24 anos e idosos de 60 anos que este fenômeno é mais expressivo. Este fenômeno pode ser explicado pela busca da inserção no mercado de trabalho e pela necessidade de conciliação entre os estudos e o trabalho, no caso dos jovens, e pela busca de complementação de renda e socialização no caso dos idosos (Silva, 2016, apud IBGE, 2013).

Mesmo com estas razões para a informalidade ser um traço importante na vida laboral dos jovens, entende-se que ela é um fenômeno estrutural que afeta toda a população, em maior ou menor grau (Silva, 2016). Porém os mais afetados por essa precarização e flexibilização das leis trabalhistas são os jovens, e isso se torna mais uma barreira para a aquisição de independência dessa população, favorecendo uma estadia mais prolongada dos jovens na casa dos pais.

3.3. O ADIAMENTO DE RELACIONAMENTOS ESTÁVEIS E PARENTALIDADE

As representações sociais sobre o amor, o casamento e a decisão de ter filhos passaram por significativas transformações nas últimas décadas sendo formas de conhecimento compartilhados socialmente, que orientam práticas e dão sentido às experiências, no entanto, Chaves (2010) ressalta:

“Contudo, é característico da contemporaneidade os indivíduos optarem por relações amorosas eventuais ou sem compromisso. Ora, mesmo que haja o desejo de ter um relacionamento estável, os jovens adultos não se sentem preparados para efetivar uma escolha que exige um certo investimento objetual [...]” (Chaves, 2010, p. 32).

Portanto, novas formas de parentalidade têm surgido em resposta às transformações sociais e culturais contemporâneas, o que evidencia que a decisão de ter filhos, ou de adiá-la, passou a ser influenciada por fatores como autonomia pessoal, estabilidade e condições emocionais e econômicas (Attalla 2006).

No que se refere à satisfação pessoal, diversos estudos têm mostrado que a decisão de adiar ou não exercer a função materna ou paterna está fortemente associada ao desejo de manter um estilo de vida mais livre, com foco em interesses individuais. Pesquisa internacional recente, disponível na plataforma PubMed (Clark; Manning, 2021), aponta que adultos jovens que optam por não ter filhos reportam níveis semelhantes ou superiores de bem-estar subjetivo quando comparados àqueles que se tornam pais, especialmente nos primeiros anos da vida adulta.

Outro fator que contribui para o adiamento dos relacionamentos estáveis é o medo do compromisso, frequentemente associado à insegurança afetiva e à idealização das relações. Para Erikson (1972), a dificuldade em estabelecer intimidade pode estar ligada a experiências anteriores de instabilidade emocional ou à ausência de modelos positivos de vínculo.

A sociedade atual, marcada por relações passageiras e pela cultura da performance, reforça esse medo, criando um cenário onde o compromisso é visto como uma ameaça à liberdade e não como uma possibilidade de crescimento mútuo (Bauman, 2004).



Nesse sentido, a análise do adiamento dos relacionamentos e da responsabilidade parental deve considerar tanto os aspectos subjetivos do desenvolvimento individual quanto os elementos culturais e sociais que influenciam as decisões dos adultos jovens.

A teoria psicossocial de Erikson continua sendo uma ferramenta teórica relevante, pois permite compreender como os conflitos da adultez são vivenciados de maneiras distintas a depender do contexto histórico e social. A partir dessa leitura, é possível refletir sobre os novos formatos de vida adulta que estão sendo construídos, marcados menos pela rigidez de marcos tradicionais e mais pela fluidez das escolhas e trajetórias.

3.4. IMPACTOS PSICOLÓGICOS DO ADIAMENTO DE MARCOS DA VIDA ADULTA

A partir do que foi discutido e também de outros estudos como de Agudo (2008), entende-se que a saída da casa dos pais, o estabelecimento de vínculos afetivos, a inserção no mercado de trabalho e a conquista de independência são marcos importantes que representam uma fronteira na transição para a idade adulta. Reforçando a tese de Erikson (1972), onde o cumprimento dessas tarefas faz-se necessário para a construção de relacionamentos estáveis e duradouros. À vista disso, neste tópico será discutido quais os efeitos psicológicos do adiamento dessas demarcações do desenvolvimento.

É fato que este período não é fácil ou automático, dependendo da intensidade das mudanças vividas podem ocorrer reações depressivas e dúvidas em relação à identidade do jovem que está passando por esta etapa, portanto esta fase pode ser experienciada como um momento de crise (Agudo, 2008).

Portanto, permanecer um tempo maior na casa dos pais pode ser uma estratégia para lidar com este momento turbulento, fornecendo uma espécie de conforto para este grupo enquanto estas pessoas estão buscando uma via de se tornarem mais autônomas, para assim sair do núcleo familiar inicial e formar o seu próprio (Borges e Magalhães, 2009).

Diante do exposto, morar com os pais pode exercer um aspecto amparador para estes jovens em crise, no entanto, Agudo (2008) ressalta:

Porém, os mesmos autores realçam que a longo termo, viver com os pais poderá deixar de exercer esse efeito protector, e propiciar a sensação de *going nowhere* (não ir a lado nenhum) em que o jovem se sinta oscilando entre uma fase de vida tipicamente adolescente e outra notoriamente adulta, e que a negociação da autonomia era mais complicada nos jovens que ainda viviam na casa parental (Agudo, 2008, p. 20).

Sendo assim, esta estadia prolongada na casa dos pais pode causar sentimentos de dependência parental e dificuldade de separação destes, de maneira a criar dinâmicas familiares desgastantes, ampliando a margem para conflitos entre os familiares e outros problemas decorrentes disso (Agudo, 2008). Outro aspecto importante deste fenômeno é em relação à identidade destes jovens, Agudo (2008 *apud* Benson e Furstenberg, 2003) apontou que estas pessoas tinham menos probabilidade em se reconhecer como adultos.

Segundo Arnett, Žukauskienė e Sugimura (2014), os jovens em processo de transição da adolescência para a idade adulta tendem a se sentir em um estágio liminar entre essas duas etapas, não mais adolescentes, mas ainda não adultos exatamente, gerando instabilidade em diversas áreas de suas vidas. Estes aspectos podem causar sentimentos de depressão e ansiedade, especialmente naqueles jovens que acreditam que deveriam se sentir mais “adultos” do que realmente são (Arnett, Žukauskienė e Sugimura 2014).

Portanto este adiamento da tomada de papéis adultos e esta dificuldade de transição para outra fase da vida faz com que “[...] aumentam as preocupações sobre a identidade e



umenta o humor depressivo” (Agudo, 2008 *apud* Kuwabara, Van Voohees, Gollan, Alexander, 2007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa evidenciou que o adiamento dos marcos tradicionais da vida adulta, como a saída da casa dos pais, a inserção no mercado de trabalho, e o estabelecimento de vínculos afetivos duradouros, configura-se como um fenômeno complexo, que é influenciado tanto por transformações culturais, econômicas e sociais, bem como por desafios estruturais relacionados à instabilidade do mercado de trabalho e da economia contemporâneos, contando com a ampliação do tempo de estadia na casa dos pais.

Além disso, o estudo destaca a importância de compreender os impactos psicossociais desse adiamento, uma vez que ele pode gerar sentimentos de insegurança, ansiedade, frustração e dificuldades na construção da identidade e de vínculos saudáveis na idade adulta. Conforme discutido, a permanência prolongada na casa dos pais, pode oferecer suporte emocional e financeiro, assim como pode provocar conflitos familiares e uma dependência excessiva, o que acaba por dificultar o processo de independência e o fortalecimento da identidade do indivíduo.

A análise dos aspectos psicossociais revelou ainda que o adiamento de marcos tradicionais pode aumentar a sensação de indefinição, deixando os jovens estagnados entre adolescência e vida adulta. Esse processo afeta diretamente o bem-estar psicológico, podendo intensificar sintomas depressivos e ansiosos, especialmente quando expectativas pessoais não se alinham às possibilidades reais do contexto social vivido, ou até às expectativas dos pais, o que acaba por suscitar conflitos relacionados às diferentes prioridades geracionais.

Em vez de tratar o adiamento como um desvio ou falha, é necessário compreendê-lo como uma resposta adaptativa às novas configurações sociais, o que exige da Psicologia uma escuta sensível e contextualizada. Políticas públicas voltadas à juventude devem considerar essas transformações e fomentar estratégias de apoio à autonomia e ao bem-estar emocional dos jovens.

REFERÊNCIAS

AGUDO, V. R. C. **A Transição para a Idade Adulta e os seus Marcos: que efeito na Sintomatologia Depressiva?** 2008. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/3086>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ARNETT, J.; ŠUKAUSKIENĖ, R.; SUGIMURA, K. The new life stage of emerging adulthood at ages 18–29 years: implications for mental health. **Lancet Psychiatry**, [s. l.], v. 1, n. 7, p. 569-576, dez. 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26361316/>. Acesso em 10 jul. 2025.

ATTALLA, S. Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. **Ágora (São Paulo)**, São Paulo, v. 9, p. 1–17, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/mQ65PMhBCgkQwv478fmyrvv/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.



BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORGES, C. de C.; MAGALHÃES, A. S. Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família. **Psico**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 42-49, mar. 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/3993>. Acesso em: 10 jul. 2025.

CAMARANO, A. A.; PAZINATO M. T.; KANSO S.; VIANNA C. Transição para a vida adulta: novos ou velhos desafios? **Mercado de trabalho - Conjuntura e Análise. Brasília**, n. 21, p. 53-66, fev. 2003. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/5510>. Acesso em: 10 jul. 2025.

CHAVES, D. M. Vínculos amorosos em jovens adultos: rompimentos e separações. **Revista Latino-Americana de Sexualidade Escolar**, México, v. 8, n. 1, p. 25-40, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1394/139464847004/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

CLARK, A.; MANNING, W. Delay in Parenthood and Well-Being Among Emerging Adults. **Journal of Marriage and Family**, v. 83, n. 2, p. 411-426, 2021. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7326370/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ERIKSON, E. H. **Identidade: juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

ERIKSON, E. H. **Infância e sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

ERIKSON, E. H. **O ciclo da vida completo**. Porto Alegre: Artmed, 1998
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Juventude: uma análise demográfica com base no Censo 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. 11º ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 48.

MARTIN, G. **Importância do Vínculo Familiar no Desenvolvimento Infantil e Consequências Disfuncionais**. Trabalho de Conclusão de Curso. Bento Gonçalves: UCS, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/11338/11910>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MELO, S. L. de; BORGES, L. de O. A Transição da Universidade ao Mercado de Trabalho na Ótica do Jovem. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 3, n. 27, p. 376-395, set. 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000300002. Acesso em 10 jul. 2025.

SILVA, M. M. da. Geração à deriva: jovens nem nem e a surperfluidade da força de trabalho no capital-imperialismo. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 25, n. 58, p. 119-136, abr. 2016. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/2136>. Acesso em: 10 jul. 2025.



SILVA, S. C. e; HENRIQUE GALETO., P. .; KAROLINE B., R. Juventude, Mundo do Trabalho e Vulnerabilidade Social: O desemprego juvenil no Brasil como uma expressão da condição de subalternidade da classe trabalhadora. **Emancipação**, Ponta Grossa - PR, Brasil., v. 20, n. especial, p. 1–11, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/14836>. Acesso em: 10 jul. 2025.

TEIXEIRA, I. B.; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko; BARROS, Doriana Días; FERREIRA, Esther de Sena; RODRIGUEZ, Maria Beatriz; CARDOSO, Vanessa Branco. **Psicologia do Desenvolvimento da Adolescência ao Envelhecimento**. 1° ed. Porto Alegre. Sagah Educação S.A., 2022.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

WAMBIER, J. F. O Trabalho e a Essência Humana. **Emancipação**, Ponta Grossa - PR, Brasil., v. 1, n. 1, p. 71–76, 2001. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/24>. Acesso em: 10 jul. 2025.